

3 Panorama da literatura angolana

3.1 Antes de 1948 – Breve histórico

Uma obra não se esgota num só sentido, como não se realiza apenas num tema.

Jean Paul Sartre

A epígrafe com que inicio este capítulo resume rigorosamente uma impressão comum a todos os estudiosos da literatura angolana, sua característica eminentemente histórico-social, ao mesmo tempo que explica prolongadas ausências de qualquer registro literário digno desse nome. Os autores angolanos estiveram sempre em primeira linha de combate pela libertação e pela dignificação do homem angolano e, o que não é raro, subordinando a produção literária à luta sócio-política.

Os primeiros registros de produção escrita de um autor natural de Angola remontam ao século XVII. Sem querer dizer que não houvera literatura angolana antes desta época, a literatura de cunho marcadamente tradicional que conhecemos tinha, não obstante, uma característica determinante: a de ser oral. Só a partir dos primeiros escritos conhecidos pudemos ter algum conhecimento concreto sobre o assunto. Um dos primeiros registros escritos da literatura oral, como afirma Carlos Erverdosa em seu “Roteiro de Literatura Angolana” (1979), foi feito por Saturnino de Souza e Oliveira e Manuel Alves de Castro Francina que em seu livro *Elementos gramaticais da língua Nbumdu*, editado em 1864, publicaram vinte provérbios em kimbundu (língua originária da região de Luanda e do centro e norte de Angola).

A literatura angolana, constituída de contos, lendas, provérbios, fábulas, enigmas, ditados e criações da cultura popular, nos seus primórdios, era transmitida oralmente, pois a população de Angola não conhecia a forma escrita. O desenvolvimento da escrita literária começou somente no século XIX, sob a influência determinante do colonizador.

O domínio português em Angola data do século XV e, num primeiro momento, não tinha por objetivo a educação formal do colonizado, mas a utilização de mão de obra escrava para a extração de riquezas naturais. Segundo Adelino Torres, “dispor de mão de obra gratuita ou, pelo menos, muitíssimo barata, foi sempre, ao mesmo tempo, uma necessidade e um objetivo da colonização, em qualquer época e país”.⁵⁸

Apesar de a educação estar presente no discurso do colonizador como sendo uma missão portuguesa e um dos grandes objetivos da colonização, pode-se perceber que “educar”, neste contexto, seria um sinônimo para “civilizar”, pois os africanos eram vistos como um povo incivilizado, atrasado e inferior, conforme podemos ler no artigo de António Pinto Teixeira intitulado *A colonização de Angola*:

O indígena, em igualdade de direitos com o elemento Europeu, *civilizado progressivamente* pelo trabalho, pelo exemplo dos colonos, pela *catequização* dos missionários, e *pela tutela e assistência* das autoridades civis, *subordina-se* alegremente aos chefes europeus, confiando na sua justiça e carinho.⁵⁹

Na fala de António Pinto Teixeira, os angolanos eram “civilizados” para o trabalho e pela “catequização”, logo poderíamos perguntar de que forma a educação entra neste contexto, já que na realidade esse processo se limitava ao entendimento das ordens de serviço e aos dogmas religiosos impostos pela Igreja. Será que o nativo trabalhava com tanta satisfação como lemos neste trecho do artigo datado de 1929 e publicado pela imprensa oficial do governo salazarista? Essas questões são respondidas pela voz hegemônica do colonizador, que procura enganar a opinião pública portuguesa com um discurso tendencioso. A denúncia e ratificação é feita pelo educador, escritor e sociólogo Albert Memmi, no artigo *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*: “O colonialismo recusa os direitos do homem a homens que submeteu pela violência, que mantém pela força na miséria e na ignorância e, portanto, como diria Marx, em estado de “subumanidade”.⁶⁰

⁵⁸ TORRES, A. *O império Português – entre o real e o imaginário*, p. 89.

⁵⁹ TEIXEIRA, A. P. “A colonização de Angola”. In: *Boletim da agência geral das colônias.*, p. 99-115 (grifos meus).

⁶⁰ MEMMI, A. *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 28.

De acordo com os estudos da Maria Aparecida Santilli, até o século XIX somente uma pequena parte da população nativa de Angola sabia ler e escrever, o que corrobora para o atraso no surgimento de obras literárias escritas por angolanos. Assim, a produção literária sobre Angola, segundo a estudiosa, restringiu-se, então, à literatura de viagens. Eram os próprios portugueses que, não só na historiografia, nas crônicas, como na poesia, nos depoimentos científicos e religiosos, davam seu testemunho ou impressões sobre África “bárbara”, exótica, a que os levava a expansão ultramarina.⁶¹

Segundo Thomas Bonnici⁶², cujo trabalho foi fundamental para o desenvolvimento desta dissertação, o desenvolvimento da literatura de povos colonizados depende das “etapas de conscientização nacional e da asserção de serem diferentes”⁶³. A primeira etapa é constituída por obras produzidas por autores oriundos das metrópoles que narram suas *impressões sobre a África*, minúcias dos costumes dos povos, suas riquezas naturais, sua diversidade lingüística, sempre sob a ótica do europeu, sem nenhuma preocupação antropológica em suas colocações.

Em meados do século XIX, a imprensa angolana começa a se desenvolver de maneira acentuada e, com isso, surgiram os periódicos que, apesar de terem curta duração, tiveram um papel de grande importância para o desenvolvimento de uma literatura nacional, pois, através da publicação do pensamento crítico e de manifestações literárias escritas por brancos nascidos em Angola e mestiços, surgem as idéias que mais tarde serviram à causa libertária e à busca de uma identidade angolana. É fundamental lembrar que a literatura angolana, até meados do século XX, era, em grande parte, uma extensão da cultura e da literatura da metrópole, contando com a participação maciça dos europeus, fato que caracterizaria a segunda etapa do desenvolvimento da literatura, como revela Thomas Bonnici,

A segunda etapa envolve textos literários escritos sob supervisão imperial por nativos que receberam sua educação na metrópole e se sentiam gratificados em poder escrever na língua do europeu (não há a consciência de ela ser também do colonizador). ...Embora muitos dos temas (cultura mais antiga do que a europeia, a brutalidade do sistema colonial, a riqueza de seus costumes, leis, cantos e

⁶¹ SANTILLI, M. A. *Estórias Africanas*, p. 9.

⁶² BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*, p. 13.

⁶³ *Ibid.*

provérbios) abordados por esses autores estivessem carregados de subversão, sem dúvida não podiam e não queriam perceber essa potencialidade.⁶⁴

Deste modo, verifica-se o surgimento de uma voz angolana que, mesmo de maneira velada, já que sofria restrições por parte das autoridades colonizadoras, exortava os angolanos a desenvolverem um espírito de nacionalidade. Além dos autores europeus, a partir deste momento, a colônia angolana conta com a colaboração de nativos africanos formados na metrópole, que passam a atuar neste cenário entre as décadas de 20 e 30.

Alfredo Troni é um dos jornalistas que contribuiu para o desenvolvimento da literatura angolana, chegando a ser considerado o precursor da prosa moderna em Angola⁶⁵. Ele escreveu, em forma de folhetim, a novela *Nga Muturi*, que, segundo Maria Aparecida Santilli, “tem sido considerada precursora pela sensibilidade voltada já para os dados do mundo africano nessa época recuada”.⁶⁶

Antonio de Assis Junior, autor de um romance de costumes angolanos, intitulado *O segredo da morta*, escrito em forma de folhetim no jornal “O Angolense” e publicado em 1929, também colaborou com a formação da literatura angolana. *O segredo da morta*, “marco notável no encaminhamento da literatura angolana para a sua identidade nacional”⁶⁷, inaugura na ficção um olhar diverso do da literatura dita colonialista, que vigorava até então. Este romance foi escrito em um período de “quase não literatura”⁶⁸ (1910-1940) e ocupa, segundo o prefácio da última edição publicada em 1979 e assinado por Henrique Guerra,

todo um vazio literário, como ponte entre duas gerações de escritores preocupados com a revitalização angolana, duas gerações que se representavam anteriormente por Cordeiro da Mata e posteriormente por Castro Soromenho.⁶⁹

Castro Soromenho, escritor da época de transição, por sua vez, dedicou-se, principalmente, à escrita de narrações das lendas negras e antecipa no seu romance *Terra morta* uma das questões estruturantes nesta dissertação: a “assimilação”. Como analisa Maria Aparecida Santilli,

⁶⁴ Ibid.

⁶⁵ Alfredo Troni é considerado o precursor da prosa moderna segundo Maria Aparecida Santilli.

⁶⁶ SANTILLI, M. A. *Estórias Africanas*, p. 11.

⁶⁷ Ibid., p. 12.

⁶⁸ Ibid.

⁶⁹ Ibid., p. 13.

Já em *Terra Morta* se faz a imagem de Angola sujeita ao programa do “indigenato”, convertendo o homem angolano de membro de uma comunidade entendida como “primitiva” à condição de assimilado pela cultura do colonizador, proposta como “civilizadora”.

Assiste-se, assim, a um projeto visando destribilizar, levar o africano a perder seu sistema de organização com o auxílio dos próprios angolanos que fazem o jogo do colonizador, atuando como cipaios e capitas.⁷⁰

Neste sentido, apesar de incipiente, o desenvolvimento da literatura angolana neste período foi significativo, principalmente no que diz respeito à consciência do desabrochar de uma literatura nacional, que valorizava as características únicas dessa África tomada e colonizada. Esse solo fértil, aliado a escritores de grande qualidade, trouxe temas voltados para a busca de uma identidade nacional e elucida problemas gerados pela colonização, além de mostrar a riqueza cultural da sociedade angolana.

3.2

“Vamos descobrir angola”

Se é certo que à independência literária precede a independência política, esta última situação não deixará de influenciar, decisivamente, a história, a crítica e a avaliação do sistema literário.

Inocência Mata

O “Movimento dos Novos Intelectuais de Angola” foi essencialmente composto por poetas que se utilizavam da simbologia das figuras de linguagem e as oferecidas pela terra angolana para tecer suas narrativas, como bem ilustra a passagem de Carlos Ervedosa,

O vermelho revolucionário das papoilas dos trigais europeus, encontraram-no, os poetas angolanos nas pétalas de fogo das acácias, e a cantata singeleza das violetas, na humildade dos “beijos-de-mulata” que crescem pelos baldios ao acaso. Os seus poemas trazem o aroma variado e estonteante da selva, o colorido dos poentes africanos, o sabor agridoce dos seus frutos e a musicalidade nostálgica da marimba. Mas vêm também palpitantes de vida, com o cheiro verdadeiro dos homens que trabalham, o gosto salgado das suas lágrimas de desespero e a certeza inabalável na madrugada que sempre raia para anunciar o novo dia.

⁷⁰ Ibid., p. 14.

Assim, os novos poetas foram cantando, com voz própria, a terra angolana e suas gentes.⁷¹

Este processo, formado a partir de 1940, servirá de base teórica ao mote político-cultural encabeçado por jovens estudantes angolanos - *Vamos Descobrir Angola* -, e liderado por Viriato da Cruz, em 1948, cuja palavra de ordem impulsionou o desenvolvimento da literatura em Angola.

A terceira etapa do desenvolvimento da literatura, de acordo com Thomas Bonnici, surge com a explosão deste movimento no início da década de 50 e envolvem uma gama de textos que rompem com os padrões ditados pela metrópole. Evidentemente, essas literaturas dependiam da aprovação do poder restritivo e da apropriação da linguagem escrita para fins diferentes daqueles para os quais outrora foram usados.⁷²

Segundo Franz Fanon, que também propõe etapas para o desenvolvimento de literaturas coloniais, a terceira etapa seria a “fase de luta”, na qual o intelectual nativo começa a conflagrar o povo a unir-se ao movimento nacionalista.

[...] um grande número de homens e mulheres que antes não haviam pensado jamais em escrever uma obra literária, agora que se encontram em situações excepcionais, na prisão, na guerrilha ou na véspera de serem executados, sentem a necessidade de expressar a sua nação, de compor a frase que expresse ao povo, de converter-se em porta-vozes de uma nova realidade em ação.

O intelectual colonizado se dará conta mais cedo ou mais tarde, de que não se prova a nação com a cultura, senão com a que se manifesta na luta que o povo realiza contra as forças de ocupação.⁷³

Frantz Fanon representa um caso bastante emblemático para pensar a questão do enfrentamento entre as nações periféricas e os centros de poder no pós-colonial. Por meio de uma retórica extremamente agressiva, Fanon denuncia a violência empregada pelas potências imperialistas no passado e na contemporaneidade, iniciando seu livro *Os condenados da terra* com a contundente afirmação de que “a descolonização é sempre um processo violento.”⁷⁴ Como reação ao mundo colonial, Fanon afirma que o colonizado só pode responder pela violência, que, além de representar uma posição de resistência, representaria também uma atitude natural ao processo de aproximação

⁷¹ ERVEDOSA, C. *Roteiro da literatura angolana*, p. 107.

⁷² BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*, p.13.

⁷³ FANON, F. *Os condenados da terra*. 57

⁷⁴ *Ibid.*, p. 51.

entre mundos tão diversos e hostis. A violência se justifica, pois, pela impossibilidade de estabelecimento de diálogos e mediações entre as nações em determinado momento, mas também como uma etapa necessária e natural a uma possível situação de entendimento no futuro.

O primeiro a entoar esse grito de libertação foi Viriato da Cruz. Ele e outros escritores, como Agostinho Neto e Antônio Jacinto, reuniam-se para discutir a necessidade da criação de uma nova poesia angolana que fizesse referência à cultura do país. Segundo Alfredo Margarido e confirmado por Mário Pinto de Andrade no prefácio a sua antologia temática da literatura angolana, esse movimento “combatia o respeito exagerado dos valores culturais do Ocidente e convidava os jovens a descobrir Angola através de um trabalho coletivo e organizado”⁷⁵.

Esse movimento não tinha um objetivo puramente literário, embora fosse bastante radicado na produção poética. O momento de que se fala é um momento onde se forjou e se inscreveu uma atividade literária e cultural com fortes implicações ideológicas: trata-se dos primeiros sinais de reconhecimento de uma identidade que se queria nacional e libertadora. A poesia constitui-se como a voz particular que organiza e dá sentido a um cotidiano perturbado, e o poeta, mesmo quando diz “Não é este ainda o meu poema/ o poema da minha alma e do meu sangue não/ Eu ainda não sei e não posso escrever o meu poema”⁷⁶, assume o estatuto de uma fala outra perdida nos *mussekes*, recuperada no grande movimento de descoberta da terra. Era necessário alfabetizar o povo e promover a sua relação com a cultura, para posteriormente conscientizá-lo de sua importância e da importância de um movimento de libertação.

Em 1950, é publicada a *Antologia dos novos poetas de Angola*, que é uma publicação coletiva que conta com a contribuição de poetas como Agostinho Neto, Alda Lara, Viriato Cruz, Antero Abreu, António Cardoso entre outros. Seguindo esta antologia temos a publicação da revista literária *Mensagem* (1951-1952) que também contou com a colaboração de escritores que, anos depois, se tornariam os grandes representantes da literatura angolana, além de terem sido referências fundamentais para escritores das gerações seguintes. Essa revista, para

⁷⁵ MARGARIDO, A. *Estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa*, p. 338.

⁷⁶ JACINTO, A. “Poema da Alienação”, In: *No Reino de Caliban II*, p. 136.

além da divulgação da produção literária, tinha um perfil pedagógico, pois, segundo Santilli:

Os objetivos da revista centravam-se na busca da redefinição e valorização dos dados básicos de caracterização nacional. Os escritores propunham-se à alfabetização e melhoria das condições culturais do operário, as diversificadas atividades no setor da cultura nacional.⁷⁷

Preocupada com a valorização das características nacionais e com a melhoria das condições culturais e educacionais da população, a revista *Mensagem*, apesar do curto período de circulação, foi fundamental para divulgar textos literários, ensaios e idéias que iluminaram os novos caminhos que levaram ao corpus da literatura moderna angolana. Além do caráter cultural, esta publicação servirá como meio de formação de uma resistência contra o colonialismo e de uma consciência pela libertação política. Este fato chamou a atenção da metrópole para o perigo que *Mensagem* representava. No artigo “Geração de 50: um percurso literário e sua importância na luta de libertação nacional”, Jofre Rocha ressalta que a política de assimilação, oriunda da metrópole, “visava acima de tudo domesticar e despersonalizar o homem angolano, procurando levá-lo a renegar os seus valores, as suas crenças, a sua fé, menosprezando o seu próprio universo cultural.”⁷⁸ Logo, *Mensagem*, com sua proposta inovadora, ameaçava os objetivos do colonizador, que acabou por proibir a sua circulação.

A veiculação de *Mensagem* foi curta, mas abriu espaço para que novas iniciativas de cunho ideológico-cultural fossem criadas em Angola. Sendo assim, surge *Cultura II* (1957-1961), com a participação de alguns militantes de *Mensagem* e outros intelectuais interessados em encontrar uma estratégia capaz de suprir as falhas do projeto cultural que vislumbrava a luta pela construção da identidade nacional. Pires laranjeira escreve sobre a importância do compromisso cultural desta revista:

apresentava-se como um jornal cultural voltado para a angolanidade, entendida num sentido mais amplo do que a da *Mensagem*, na medida em que, de facto, mostrava abertura aos vários quadrantes da sociedade angolana empenhados na desalienação, na instrução e na produção de uma

⁷⁷ SANTILLI, M. A. *Estórias africanas*, p. 15.

⁷⁸ ROCHA, J. “Geração de 50: um percurso literário e a sua importância na luta de libertação nacional”. In: *Scripta*, p. 221.

cultura viva, baseada na tradição africana, sem descurar os contributos internacionais como se vê pelas variadas colaborações.⁷⁹

Em *Cultura II* levantava-se a questão cultural em suas vinculações com os problemas sócio-econômicos de Angola, de forma que se considerava a ação cultural "defeituosa" enquanto tais problemas não se resolvessem. Para este suplemento, houve a contribuição de escritores como: Agostinho Neto, Antero Abreu, Mário Lopes Guerra (Benúdia), Carlos Ervedosa, Costa Andrade (Angolano Andrade ou Africano Paiva), Luandino Vieira, Oscar Ribas⁸⁰. Durante sua existência, *Cultura II* manteve uma estreita sintonia com as atividades da Casa dos Estudantes do Império (Lisboa e Coimbra) recebendo a colaboração de muitos escritores e estudantes que pertenciam a estas agremiações.

A Casa dos Estudantes do Império (CEI) foi fundamental na formação de intelectuais que atuaram diretamente no desenvolvimento da cultura e da literatura africana de língua portuguesa. No início da década de 60, estudantes oriundos das colônias portuguesas tinham a oportunidade de continuar os seus estudos na metrópole, o que subsidiava a produção literária questionadora e libertária. Este contexto favorecia o processamento dos ecos do movimento "Vamos Descobrir Angola", e, posteriormente, do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, das correntes literárias européias incluindo o neo-realismo português, do modernismo brasileiro, da negritude francófona e do movimento ideológico do negro norte-americano. Este cenário era propício para a mudança no direcionamento da postura político-social que estes estudantes, a partir de então, promoveriam.

Vale a pena ressaltar que o movimento Vamos Descobrir Angola não se pautava somente nas questões levantadas por escritores do início do século, que, de certa forma, já antecipavam as polêmicas acima citadas. O movimento também se valia das idéias das correntes culturais estrangeiras, usando-as para redefinir e rever conceitos relevantes para a sociedade angolana. É nesse sentido que o modernismo brasileiro serviu como alicerce fundamental desse processo, como nos lembra Salvato Trigo:

Terá sido o modernismo brasileiro um dos movimentos literários estrangeiros que mais incentivo prestou a estes jovens, sequiosos de

⁷⁹ LARANJEIRA, P. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, p.104

⁸⁰ SANTILLI, M. A. *Estórias africanas*, p. 15.

produzirem uma literatura capaz de traduzir corretamente as ansiedades, as inquietudes, os problemas graves com que a terra se debatia.⁸¹

Logo, pode-se afirmar que a Casa dos Estudantes do Império promoveu um intercâmbio muito significativo entre os jovens estudantes em Lisboa e Coimbra, de que participaram os escritores Viriato Cruz, Agostinho Neto, António Jacinto, Mário Pinto de Andrade, grupo que ficou conhecido como a “geração da Mensagem”. A Casa dos Estudantes do Império prestou um serviço fundamental, pois as principais publicações poéticas desse período foram promovidas por ela através do boletim literário *Mensagem*, de Lisboa, e o similar *Meridiano* em Coimbra.

Portanto, verificamos que a imprensa representa a mola mestra na formação do primeiro reduto capaz de criar uma atmosfera que rompesse o silêncio imposto pela máquina colonial. O jornalismo estabelece, desde o final do século XIX, um papel importante no cenário da vida luandense. Os títulos publicados em Luanda são diversificados: vão de um jornalismo que cultua o gosto pela polêmica até a marca mais conseqüente de uma opção voltada preferencialmente para os interesses de uma pequena burguesia já insatisfeita com os princípios e as práticas da administração portuguesa⁸².

3.3 Décadas de 60 e 70

Nas décadas de 60 e 70, os movimentos anti-colonialistas e pró-independência têm continuidade. Esses anos se caracterizam pela agitação política, principalmente após a criação do MPLA – Movimento pela Libertação de Angola (1956), ao qual muitos escritores estão ligados. A maioria é presa sob a acusação de subversão. Entre eles, José Luandino Vieira e o próprio Manuel Rui, por terem idéias consideradas subversivas pelo regime português e pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado).

Além das publicações na *Coleção de autores ultramarinos (1958)*, da *Antologia africana de expressão portuguesa (1958)*, de Mário Pinto de Andrade,

⁸¹ TRIGO, S.. *Introdução à literatura angolana de expressão portuguesa*. p. 151

⁸² Cf. CHAVES, R. N. *A formação do romance angolano*, p. 33.

dos *100 poemas (1963)*, de Mário Antonio, e *d'A picada de marimbondo (1961)*, de Ernesto Lara Filho, ocorre em 1963 o I Encontro de Escritores de Angola e o Prêmio Literário Maria José Abrantes da Motta. Neste período houve, também, a retomada da escrita do romance angolano, pois foi praticamente na década de 60 que José Luandino Vieira escreveu a maior parte de sua obra, ainda que parte dela só fosse publicada na década de 70. A professora Rita Chaves confirma essa retomada afirmando que “é precisamente com a obra de Luandino que o romance alcança a sua consolidação”.⁸³

Nessa época, Manuel Rui desponta no cenário literário angolano. Em 1967 o escritor publica *Poesias Sem Notícia*, onde são exaltadas a força da palavra e a força militante da poesia, afinal, “De palavras novas também se faz país”⁸⁴.

No início da década de 70, a independência já é anunciada, há uma alta nas atividades literárias em Angola, sobretudo impulsionadas pela publicação do suplemento literário *Artes e Letras* e do jornal *A província de Angola*. Esta alta prenuncia o fim da relação colonial.

Entre as obras mais importantes deste período, destacam-se *Chão de Oferta (1972)*, de Ruy Duarte de Carvalho, *A vida verdadeira de Domingos Xavier (1977)*, *Nós do Makulusssu (1967)*, de José Luandino Vieira, *A Onda (1973)* e *Regresso Adiado (1977)*, de Manuel Rui.

Em setembro de 1975, dois meses antes da proclamação da independência de Angola, foi lançado um novo periódico cultural, *Resistência*, pelo poeta António Cardoso. Nesse suplemento eram publicados poemas, ensaios e contos de autoria de escritores inseridos na “perspectiva humanizante e científica que postulava o fim da exploração do homem pelo homem”.⁸⁵

A independência de Angola ocorre em 11 de novembro de 1975, após anos de enfrentamento e de militância político-cultural, nos quais a literatura teve um papel primordial na tomada de consciência das tradições apagadas pela cultura do colonizador. A palavra literária pôde ser vista como uma arma eficiente na luta travada pela libertação, na desmontagem da subalternidade, e, como resultado disso, logo após a independência, foi criada a UEA – União dos Escritores Angolanos -, que até os dias de hoje põe em circulação as

⁸³ CHAVES, R. *A formação do romance angolano*. p. 162

⁸⁴ RUI, M. *Poesias sem notícia*, p. 12

⁸⁵ HAMILTON, R. *Literatura africana – literatura necessária I – Angola*, p. 157.

produções literárias dos escritores angolanos, além de ter resgatado obras literárias silenciadas pelo regime colonial.

3.4

Manuel Rui – “Uma flor para Angola”⁸⁶

De meus antepassados não recordo / mas invento em cada pedra colocada / em
praças por seus braços noutros braços / onde pombas poisam e turistas fazem /
souvenirs de sol e manuelinos
E pátrias não conheço⁸⁷

Manuel Rui Alves Monteiro nasceu em 4 de novembro de 1941 na cidade de Huambo, Angola. Fez os seus estudos primários e secundários em sua cidade natal e posteriormente seguiu para Coimbra, onde estudou Direito. Como universitário, foi ativista cultural da Casa dos Estudantes do Império e atuante na luta pela independência de Angola. Foi membro da redação da revista *Vértice*, participou de trabalhos no Centro de Estudos Literários da Associação Acadêmica de Coimbra e coordenou o suplemento literário do Jornal do Centro, *O Sintoma*.

De volta à Angola em 1974, o escritor foi Diretor Geral da Informação e Ministro da Informação no Governo de Transição. Após a independência, foi Diretor da Faculdade de Letras de Lubango e do Instituto Superior de Ciências da Educação.

Manuel Rui é poeta, contista, romancista, crítico, ensaísta, jurista, professor universitário. Sua obra está voltada para a temática da construção da identidade nacional, que se alicerça principalmente na diferença. No entender do escritor, a convivência de “muitas raças e culturas” é o fator primordial para a construção identitária.

Somos muitas línguas. Muitas diferenças culturais. E há significantes na língua do nómada que servem melhor o poema que penso mesmo quando escrito na língua em que me expresso. Interferida. Híbrida. Desescrita pela necessária coloquialidade marcada pela oratura. [...] Bilíngües somos. [...] Mas somos mais:

⁸⁶ VIANNA, M. F. “Manuel Rui: Uma flor para Angola”. In: SALGADO, M. T.; SEPULVEDA, M. C. *África e Brasil: Letras em laços*, p. 245.

⁸⁷ RUI, M. *A Onda*. p. 18

plurilíngües, desaranjadores do discurso que não sirva a nossa identidade conseguida e prosseguida de diferença tanta.⁸⁸

Como podemos verificar, a proposta político-literária de Manuel Rui centra-se na convivência pacífica dos povos, das várias línguas, um lugar onde o preconceito fosse abolido, e substituído pela tolerância, pelo “desarranjo do discurso” sem violência, “mas com o prazer da violação do interdito, da legitimação da assinatura própria, ...”⁸⁹

Em uma entrevista que o escritor me concedeu, Manuel Rui afirma que a língua do colonizador não deve ser vista como uma barreira, mas como “um ponto de unificação”, por possibilitar a comunicação entre povos que possuem diferentes dialetos, como no caso de Angola, além de propiciar o prazer de misturá-las, subvertendo-as e recriando a linguagem com a intenção de alcançar uma maior expressividade.

Mas agora sinto vontade de me apoderar do teu canhão, desmontá-lo peça a peça, refazê-lo e disparar não conta o teu texto não na intenção de o liquidar mas para exterminar dele a parte que me agride. Afinal assim identificando-me sempre eu / até posso ajudar-te à busca de uma identidade em que sejas tu quando eu te olho / em vez de seres o outro.⁹⁰

Manuel Rui é considerado por muitos críticos como escritor de todos e para todos. Ele é um reivindicador direto da paz, da alfabetização, de um mundo mais justo, da construção da identidade. O escritor denuncia em sua obra um mundo conturbado, ao mesmo tempo em que critica os desvios do projeto original socialista em Angola, a partir da elaboração de uma “escrita carnavalizada”, do modo como Bakhtin⁹¹ a teorizou.

⁸⁸ RUI, M. “Entre mim e o nómada – a flor”. In: *Teses angolanas*. Documento da VI Conferencia dos Escritores afro asiáticos (vol 1), p.541-543

⁸⁹ RUI, M. “Entre mim e o nómada – a flor”. In: *Teses angolanas*. Documento da VI Conferencia dos Escritores afro asiáticos (vol 1). P.541-543

⁹⁰ Ibid.

⁹¹ Cf. BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. p.55